Sábado, 14 de Novembro de 2026

Por amor, sempre...

O amor não revela sua grandeza quando o sol brilha, mas quando a escuridão chega e, mesmo sem luz, duas pessoas continuam escolhendo uma à outra. Talvez seja essa a definição de amar: permanecer não porque a vida seja sempre primavera, mas porque até nas noites frias é possível encontrar abrigo.

Outro dia, deparei-me com uma publicação que dizia que, ao presentear alguém com um girassol, o ideal seria oferecer dois. Durante o dia ambos procuram a luz solar; à noite, voltam-se um para o outro, como se encontrassem no companheiro a claridade que lhes falta. Não sei se os girassóis fazem isso, mas a imagem me comoveu.

Afinal, não é assim que gostaríamos de viver o amor? Durante o dia, seguimos nossos caminhos, enfrentamos batalhas, perseguimos sonhos e buscamos nosso lugar ao sol. Quando anoitece, porém, o cansaço e as inquietações nos lembram de que até quem parece forte precisa de colo.

É na sombra que o afeto mostra sua essência. Não apenas nos dias de sorrisos fáceis, mas quando compreender exige paciência, conversar pede coragem e ficar deixa de ser impulso para se tornar escolha. Amar não é depender de alguém para existir. É reconhecer que, mesmo sendo inteiro, desejamos compartilhar a vida com outra pessoa.

O psicólogo Erich Fromm, em A arte de amar, compreende o amor como uma prática que exige cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento. Sua reflexão nos convida a abandonar a ideia de que basta encontrar a pessoa certa: é preciso também aprender a amar. E isso requer presença, maturidade e disposição para construir.

A paixão pode começar no arrepio, na química do encontro, no coração que acelera. O amor, entretanto, precisa sobreviver ao instante. Ele mora na escuta atenta, na conversa que repara, no abraço que acolhe e até no silêncio que não abandona. Mora no beijo demorado e nos pequenos gestos que dizem, sem alarde: estou aqui.

Por amor, olhamos para o horizonte e imaginamos futuros, mesmo depois das tempestades. Transformamos o colo em morada e fazemos da ternura um descanso para a longa caminhada. Há dias em que o toque falta, a distância pesa, mas o cuidado encontra outras maneiras de se fazer presente.

Isso não significa suportar desrespeito, apagar a própria identidade ou confundir sofrimento com prova de amor. Permanecer só é bonito quando existe reciprocidade. Ninguém deveria perder a própria luz para iluminar o caminho do outro.

Talvez a grandeza do amor esteja justamente aí: duas existências capazes de caminhar sozinhas, mas que escolhem seguir juntas. Duas pessoas que não prometem dias eternamente ensolarados, apenas a honestidade de cuidar uma da outra quando o céu escurecer.

Se a vida me permitir escolher, que sejam dois girassóis: livres para buscar o sol e generosos para dividir o calor. Porque o amor mais bonito não é aquele que impede a noite de chegar. É aquele que, mesmo na escuridão, continua escolhendo ser luz.

Por amor, sempre...

Kamila Garcia é bacharel em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, especialista em Psicanálise e graduanda em Psicologia